



# GUERRA NO LESTE EUROPEU

NA ÚNICA MENÇÃO AO ATAQUE, PRESIDENTE DIZ QUE GOVERNO DARÁ APOIO AOS BRASILEIROS NA UCRÂNIA. MAS CRITICA COMENTÁRIO DE MOURÃO, QUE, AO CONTRÁRIO DA CAUTELA DO ITAMARATY, COMPAROU PUTIN A HITLER

Isac Nóbrega/PR



**Bolsonaro à frente da motocicleta em São José do Rio Preto. Todo o tempo, esquivou-se de comentar a invasão russa**

Romério Cunha/VPR



**Para Mourão, não bastam sanções econômicas à Rússia. Ele está convicto de que é preciso, também, o uso da força**

# Bolsonaro se cala e **incomoda**

» DEBORAH HANA CARDOSO  
» INGRID SOARES  
» LUANA PATRIOLINO  
» TAÍSA MEDEIROS

O silêncio do presidente Jair Bolsonaro (PL) sobre o ataque da Rússia à Ucrânia, gesto que contrastou com outros presidentes latino-americanos que condenaram a agressão, gerou grande desconforto diplomático para o Brasil. A única menção que fez à guerra foi quando publicou, no Twitter, que está “totalmente empenhado no esforço de proteger e auxiliar os brasileiros” em solo ucraniano. Na verdade, ele reproduziu a nota do Ministério das Relações Exteriores (MRE) com orientações para quem quiser deixar o país.

A atitude de Bolsonaro levou o encarregado de negócios da embaixada dos Estados Unidos, Douglas Koneff, a cobrar uma postura clara. “As falas que condenam as ações russas que violam as leis ajudam muito a diminuir essa crise”, observou.

Cobrança semelhante fez o encarregado de negócios da embaixada da Ucrânia no Brasil, Anatoliy Tkach. “Esperamos que o governo brasileiro condene esse ataque ao nosso país”, anotou.

Bolsonaro, que esteve há poucos dias em Moscou com Vladimir Putin e chegou a dizer que apoiava as ações russas, não fez qualquer comentário relacionado à guerra em uma inauguração da qual participou em São José do Rio Preto. Antes do evento, o presidente comandou uma motocicleta.

## Crítica eleitoral

Nesse evento, preferiu atacar o PT a mencionar o ataque russo. “Outras pessoas que diziam que olhavam pelos nordestinos, olhavam, talvez, como uma fonte de receita para a sua quadrilha, e

Gustavo Magalhães/MRE



**Ministro Adriano Pucci enfatizou a neutralidade brasileira: “Brasil não pretende contribuir para rufar os tambores de guerra”**

não uma fonte de recurso do caso da Petrobras e BNDES para ajudar o seu povo”, disse.

O silêncio de Bolsonaro foi percebido na internet. De acordo com levantamento da Modalmais/AP Exata, divulgado ontem, a rejeição ao presidente no Twitter chegou a 77% por não se posicionar sobre a guerra.

Para Günther Richter Mros, professor de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), “o Brasil não tem uma relação direta com o conflito, mas a situação nos afetará diretamente se os bloqueios econômicos atingirem os fertilizantes e o país, mesmo

assim, comprá-los da Rússia. O Brasil vai se indispor com mais países ainda”.

Apesar do silêncio durante o dia, na live de ontem à noite Bolsonaro criticou o vice-presidente Hamilton Mourão. “Com todo respeito à pessoa que falou isso, está falando algo que não deve. Não é de competência dela. É de competência nossa. [O posicionamento] É acertado”.

Mourão, por sua vez, afirmou que o Brasil não se omitiu, discorda da invasão e ainda comparou Putin ao ditador nazista Adolf Hitler. Segundo o vice-presidente, “tem que haver o uso da força. Se o mundo ocidental

deixar que a Ucrânia caia, a próxima será a Bulgária, depois os Estados Bálticos, assim como a Alemanha hitlerista fez”.

Para Mourão, as concessões a Putin se assemelham às que foram feitas a Hitler, na década de 1930, quando a Alemanha anexou a Áustria e a extinta Tchecoslováquia. “Se a invasão prosseguir, vai haver um êxodo em massa dos ucranianos na direção da Europa Ocidental”, salientou.

## Neutralidade

Se Bolsonaro foi criticado por não assumir uma posição sobre o conflito, a nota emitida

pelo Itamaraty foi tratada com mais benevolência e vista como a tradicional postura de cautela e neutralidade assumida pelo Brasil diante de crises dessa magnitude. Segundo o diretor de Comunicação Social do MRE, ministro Adriano Pucci, a posição é de “equilíbrio” e de buscar “viabilizar a paz”.

“O Brasil não pretende contribuir para rufar os tambores de guerra. A posição do Brasil é de viabilizar a paz a qualquer momento, de acordo com a nossa Constituição e de acordo com a Carta das Nações Unidas”, salientou.

Para analistas, a nota neutra do Itamaraty manteve o tom



**Com todo respeito à pessoa que falou isso, está falando algo que não deve. Não é de competência dela. É de competência nossa. [O posicionamento] É acertado”**

**Presidente Jair Bolsonaro,** desautorizando as declarações do vice-presidente Hamilton Mourão de que o Brasil condena a invasão russa

diplomático histórico do país. “A moderação é o que se espera do Brasil. O que destoa é a atitude palaciana no exterior”, disse o professor de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Laerte Apolinário Júnior.

O também professor de relações internacionais da PUC-SP Arthur Murta alertou que manter a neutralidade é o ideal. “Washington não está olhando para cá, agora, mas olhará. Nossa política externa tem se mantido bem-sucedida pelo pragmatismo. A nota preservava isso”, observou.

# Congresso pede posição enérgica do país no conselho da ONU

» TAINÁ ANDRADE  
» TAÍSA MEDEIROS  
» RAPHAEL FELICE

O Congresso não ficou indiferente à invasão russa da Ucrânia. Em nome do Poder Legislativo, o senador Rodrigo Pacheco (PSD) defendeu a democracia e ressaltou a necessidade de uma convivência harmoniosa entre as nações. Já as comissões de Relações Exteriores e de Defesa Nacional do Senado e da Câmara dos Deputados ressaltaram que o Brasil, como atual integrante do Conselho de Segurança das Nações Unidas, deve atuar veementemente para que a Rússia deixe o território ucraniano.

“Encorajamos o Brasil, por meio de sua diplomacia e com assento neste órgão da ONU, para que atue de forma objetiva e clara em benefício do diálogo e

da construção de uma agenda de paz e segurança”, ressaltou nota assinada pelo presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara, deputado Aécio Neves (PSDB-MG).

No Senado, o PT chegou a publicar uma nota, no Twitter, acusando os Estados Unidos de empurrarem a Ucrânia para o conflito, mas retirada do ar pouco tempo depois devido à repercussão negativa. O senador Jean Paul Prates (PT-RN), líder da minoria na Casa, disse que o Brasil deve condenar o agressão russa e chamar o conflito de “desrespeito” pelos mecanismos institucionais e diplomáticos.

O vice-presidente da Câmara, Marcelo Ramos (PSD-AM), considerou a invasão como uma “estupidez” e demonstrou preocupação com os impactos no Brasil.

“Câmbio e petróleo são calcanhares de aquiles no governo, porque tem muito impacto inflacionário. O governo precisa de tudo pra tentar conter a inflação e se viabilizar eleitoralmente”, explicou.

Para o líder do governo na Câmara, Ricardo Barros (PP-PR), o presidente Jair Bolsonaro não se omitiu em relação à invasão russa. “Pedi que as vias diplomáticas sejam utilizadas para eliminar o conflito. Nós não somos uma potência mundial, uma potência bélica para tomar outro tipo de atitude”, analisou.

## Manifestações

Se Bolsonaro não foi enfático sobre a invasão à Ucrânia, seus prováveis adversários na corrida presidencial não se calaram. O primeiro a se manifestar foi o



**Encorajamos o Brasil, por meio de sua diplomacia e com assento neste órgão da ONU, para que atue de forma objetiva e clara em benefício do diálogo e da construção de uma agenda de paz e segurança”**

**Trecho da nota da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados**

ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT): “A guerra só leva à destruição, ao desespero e à fome. O ser humano tem que criar juízo e resolver suas divergências em uma mesa de negociação”.

Sergio Moro (Podemos) afirmou que “é muito preocupante o apoio de Bolsonaro e do PT ao governo Putin. Eles apoiam o lado errado. O lado do agressor e do autoritarismo”.

A senadora Simone Tebet (MDB) ressaltou que os impactos do conflito estão sendo sentidos em todo o mundo. “A reação negativa das bolsas de valores e a alta no preço do petróleo vão gerar recessão, mais inflação e mais fome no Brasil”, disse. Ciro Gomes (PDT) também alertou para as consequências da guerra. “Precisamos nos preparar, especialmente por termos

um governo frágil, despreparado e perdido”, criticou.

O governador de São Paulo, João Doria (PSDB) disse que a guerra “nunca é resposta a nada”. Já o senador Alessandro Vieira (Cidadania) citou o líder britânico Winston Churchill: “Não adianta tentar negociar com um tigre quando ele já tem a sua cabeça na boca”, lembrou.

Pré-candidato do Avante, o deputado federal André Janones (MG) ressaltou que “o mundo sequer superou a guerra contra a covid e, agora, mais do que nunca precisa de paz para se restabelecer”. Candidato pelo Novo, Felipe d’Avila classificou o ataque como o maior teste da democracia no mundo. “Está na hora dos países democráticos se prepararem para expelir esse populista autoritário, que é Vladimir Putin, da Ucrânia”.